

SILVA, ADELINA LOPES  
& SÁ, ISABEL (1993)

### SABER ESTUDAR E ESTUDAR PARA SABER

Porto: Porto Editora

Considerando que muitos estudantes revelam dificuldades de aprendizagem "pela ausência ou uso inapropriado de estratégias de estudo e pela não existência de hábitos favoráveis à aprendizagem" (9), as autoras apresentam neste livro um Programa para o Desenvolvimento de Métodos e Hábitos de Estudo, elaborado a partir da sua experiência clínica e já implementado por psicólogos em contexto escolar. É de salientar que as autoras não pretendem dar uma "receita" para a resolução mais ou menos imediata destas dificuldades, pois que "a utilidade e eficácia deste tipo de programas exigem uma adequada adaptação às necessidades, interesses e conhecimentos de cada estudante" (10), mas partilhar o processo de elaboração de uma intervenção, partindo da explicitação dos pressupostos teóricos e das opções metodológicas subjacentes.

Numa primeira parte, o livro centra-se nos aspectos que podem influenciar a aprendizagem, nomeadamente as estratégias de aprendizagem, o conhecimento metacognitivo e o uso de estratégias e a motivação e o sistema de crenças pessoais na aprendizagem. Seguidamente, as autoras referem os princípios orientadores do programa de intervenção, apre-

sentando as várias estratégias e procedimentos para cada uma das suas quatro fases: (i) autocontrolo, (ii) estratégias cognitivas e metacognitivas, (iii) motivação e (iv) integração e prática. Nas conclusões, as autoras referem resumidamente alguns resultados de uma avaliação de eficácia deste programa. Finalmente, são apresentadas as referências bibliográficas.

Num momento em que as questões da aprendizagem assumem uma considerável relevância para alunos, pais, professores e especialistas em educação, este livro apresenta-se como um instrumento útil para os profissionais interessados em aprofundar os seus conhecimentos sobre "hábitos e estratégias de estudo". É, também, de valorizar a recusa das autoras em fornecer um "pacote" de intervenção "à prova" de contexto, pessoa e problema — uma tentativa a que os autores de programas de intervenção tendem cada vez mais a resistir em virtude da sua comprovada ineficácia e questionável legitimidade. Salienta-se, ainda, o esforço de simplificação da linguagem utilizada ao longo do texto e a actualidade da maioria das referências bibliográficas, embora seja de lamentar a ausência quase total de estudos e au-

tores portugueses que trabalham neste domínio, cujas contribuições seriam, sem dúvida, válidas para uma maior percepção da relevância destas questões no panorama nacional.

A opção por um programa a implementar pelos psicólogos tem, naturalmente, algumas limitações assumidas pelas próprias autoras quando afirmam que "alargar a intervenção deste programa à sala de aula através da acção dos professores (...) vai exigir alterações no formato do programa, nos seus materiais e objectivos mais específicos" (75). Ora, a relevância do recurso à consultoria psicológica tem sido particularmente enfatizada nos últimos anos na produção científica sobre a actividade dos psicólogos em organizações escolares. Embora estejamos conscientes de que não foi este o objectivo a que as autoras se propuseram, o elevado interesse deste livro seria, sem dúvida, potencializado se as autoras explorassem outras modalidades de intervenção cujos resultados se traduzem na maior capacitação dos professores para lidarem com este (e outros) problemas da sua prática profissional e no maior reconhecimento dos psicólogos como recursos da organização escolar.

Privilegiar os psicólogos como destinatários primeiros deste livro teve, aliás, uma consequência na formulação e descrição do programa: as referências a algumas actividades e estratégias são relativamente vagas (ex. sistema de economia de fichas, confronto, disputa de crenças, discussão,...) sem grande especificação para públicos menos familiarizados

com a Psicologia. Desta forma, outros possíveis leitores poderão ter dificuldades em "descodificar" algumas mensagens; consequentemente, haveria vantagens em que as autoras tivessem feito um esforço adicional para descrever não apenas cada actividade e os objectivos que pretendem atingir, mas também o desenrolar i.e., o "como se faz" das actividades referidas — o que, salientemente, é conseguido nalguns casos.

Ainda relativamente à estrutura do programa parece-nos que, se é clara a sua organização em fases com objectivos diferenciados, nem sempre é clara a sua sequência ao longo das sessões: por exemplo, o estabelecimento de um contrato e o estabelecimento de objectivos pessoais para o estudo, a serem abordados na 1ª sessão, são referidos na 3ª fase quando já foram descritas várias actividades a implementar ao longo do programa; aliás, esta fase, que se centra na componente "motivação", talvez merecesse um maior aprofundamento, dada a sua relevância no processo de aprendizagem, como as autoras salientam na primeira parte do livro.

No que se refere à apresentação dos resultados da avaliação da eficácia do programa, seria útil uma apresentação mais detalhada, bem como a referência a resultados, a curto e médio prazo, nos resultados escolares. A inclusão dos instrumentos de avaliação referidos, em anexo, revelar-se-ia igualmente valiosa para os profissionais, especialmente se tivermos em conta a relativa dificuldade de acesso a materiais estandarizados de avaliação das intervenções.

Na globalidade, é de realçar o interesse do livro para todos os profissionais que se confrontam com as dificuldades de aprendizagem dos alunos. A revisão teórica, o programa apresentado e a explicitação da lógica que presidiu à sua elaboração e organização constituem um

exemplo meritório numa área — a da metodologia de elaboração de intervenções psicológicas — em que é rara a produção científica e a sua divulgação pública no nosso País.

ISABEL MENEZES

DUARTE, JOSÉ & MAIA, MÁRIO  
(1993)

COMPED – COMPUTADORES  
NA EDUCAÇÃO

Lisboa: GEP-ME

Trata-se da publicação da componente portuguesa de um estudo de grande envergadura, envolvendo cerca vinte países e intitulado COMPED (Computers in Education) da iniciativa do IEA (International Association for the Development of the Educational Achievement). A responsabilidade do estudo e da presente publicação é do Ministério da Educação, através do extinto GEP (Gabinete de Estudos e Planeamento) agora, com a nova estrutura departamental do Ministério, substituído em quase todas as suas funções pelo DEPGEF (Departamento de Planeamento e Gestão Financeira).

O volume publicado, brochado e em formato A4, tem 209 páginas, cheias de quadros e gráficos para além de múltiplos anexos, com todos os instrumentos

utilizados no estudo de uma lista completa das escolas inquiridas.

A este estudo, que se refere ao período de 1988-90, seguir-se-ia um outro, entre 1990 e 1994, que, por razões não explicitadas mas que talvez se prendam com a abrandamento do interesse por parte do Ministério na questão dos computadores no ensino, bem patente na desaceleração que por essa altura também foi dada ao programa oficial para introdução de computadores nas escolas portuguesas (projecto Minerva), não foi participado por Portugal.

O estudo em apreço dividiu a população em três grandes sectores a que corresponderam, segundo os seus actores, as idades modais do 5º, 8º e 11º anos. Na realidade, como se verifica por